O LIVRO DO JARDIM

Lembrança do mundo antigo

Clara passeava no jardim com as crianças.
O céu era verde sobre o gramado,
a água era dourada sob as pontes,
outros elementos eram azuis, róseos, alaranjados,
o guarda-civil sorria, passavam bicicletas,
a menina pisou a relva para pegar um pássaro,
o mundo inteiro, a Alemanha, a China, tudo era tranquilo
em redor de Clara.

As crianças olhavam para o céu: não era proibido.
A boca, o nariz, os olhos estavam abertos.
Não havia perigo. Os perigos que Clara temia eram a gripe, o calor, os insetos.
Clara tinha medo de perder o bonde das 11 horas,
esperava cartas que custavam a chegar,
nem sempre podia usar vestido novo. Mas passeava no jardim, pela manhã!!!
Havia jardins, havia manhãs naquele tempo!!!

Carlos Drummond de Andrade

O Jardim é um convite. Um convite aos sentidos (tato, audição, olfato, paladar e visão); um convite à intuição e à imaginação criativa, à meditação, ao relaxamento, ao ócio e à preguiça1. O Jardim também é um encontro entre subjetividades e objetividades, entre semelhanças e diferenças, entre natureza e cultura, entre o visível e o invisível. O Jardim, sendo convite e encontro, é o resultado de uma força humana, cultural, que se coloca em conversa, mais ou menos tensa, com as forças da natureza. Cada uma dessas forças, ao seu modo, é criativa, libertadora e opressora. A beleza do Jardim é resultado do equilíbrio dinâmico entre essas forças. Esse equilíbrio delicado e dinâmico confere ao Jardim uma aura de mistério, uma dimensão poética muito especial. Essa dimensão poética mobiliza pensamentos, sentimentos, sensações e intuições e, em meu entendimento, estimula nos frequentadores (alguns são quase habitantes) dos jardins um olhar reflexivo para os jardins de si mesmo.

---

1 Acerca do jardim como um convite à preguiça ver o livro "O Jardim" de Carlos Drummond de Andrade, com ilustrações de Atak, publicado em 2015, pela Companhia das Letras.

Por mais que o Jardim seja, como diz o poeta, "um convite à preguiça", ele exige trabalho permanente, infatigável, diuturno. É preciso ir e vir sempre, é preciso compreender a dinâmica das estações (primavera, verão, outono e inverno), é preciso conversar (ouvir e escutar) as plantas e, especialmente, os pequenos animais. As formigas, por exemplo, têm muito a ensinar. O Jardim é e exige cuidado. Há no Jardim uma dimensão terapêutica.

O Jardim Histórico do Museu da República é tudo isso e algo mais. Ele é convite, é espaço de encontro, é trabalho, é arte, é cultura, é poesia, é beleza, é cuidado, é fenômeno terapêutico, é muito mais do que apenas parte de um acervo.

Originalmente o Jardim do Museu da República foi espaço privado, tanto na condição de Jardim do Palácio do Barão de Nova Friburgo, quanto na de espaço de lazer, entretenimento e deleite dos presidentes da República e moradores que residiram no local entre 1897 e 1960, período em que o Palácio foi sede da presidência da República.

Na atualidade, como parte do Museu da República, o Jardim é um espaço vivo, do povo, da res publica, que integra o cotidiano da cidade do Rio de Janeiro, onde ocorreram e ocorrem grandes eventos, desde a recepção aos reis da Bélgica, em 1926, ou apresentações do projeto Aquarius, na década de 1980, a microeventos associados a micropolíticas de grande importância, como as serestas, que ocorrem no Jardim do Museu de terça a domingo há mais de duas décadas.

Para os milhares e milhares de frequentadores do Museu oferecemos além do Palácio - com exposições de longa e curta duração -, uma Reserva Técnica Visitável, um conjunto sistemático de eventos e o acervo do Jardim, onde se destacam: as esculturas em metal da fundição Val D'Osne, a gruta, os chafarizes, as pontes, o coreto, as esculturas em terracota e, de tempos em tempos, intervenções de arte contemporânea. Além de tudo isso, é importante registrar o cuidado das equipes do Museu da República com a flora e fauna que, de algum modo, habitam o seu Jardim.

O livro que o leitor tem diante de si faz parte da coleção República em Documentos, lançada pelo Museu da República em 2015 para divulgar os seus acervos arquivístico, bibliográfico e museológico. Esse exemplar buscará mostrar um pouco da história do Jardim Histórico, talvez o acervo mais vivenciado do Museu da República, expondo a sua importância e alguns detalhes que passam, provavelmente, despercebidos da maioria de seus frequentadores.

Mario Chagas
Diretor do Museu da República/Museu Palácio Rio Negro